

JACINTA MARIA MATOS

A educação (pós-)imperial de V. S. Naipaul

Propõe-se uma análise de alguns dos sentidos da palavra educação que se revelam de especial interesse para o percurso de V. S. Naipaul como escritor. Assim, consideram-se em primeiro lugar os efeitos (previsíveis e imprevisíveis) da típica educação colonial que o autor recebeu em Trinidad e que o transformaram ao mesmo tempo num “bom” e num “mau” súbdito colonial. Discute-se também o modo como Naipaul, posteriormente, teve de se educar para a vida num mundo pós-colonial, e a forma como foi enfrentando a condição híbrida e desterritorializada do sujeito pós-colonial. Finalmente, argumenta-se que Naipaul se situa deliberadamente nessas “áreas de escuridão” que elegeu como tema central da sua obra, e ocupa a “zona de interdição” que o discurso colonial pretende manter entre colonizador e colonizado, aí situando o seu próprio discurso.

Em Outubro de 2001, quando foi anunciado o vencedor do Prémio Nobel da Literatura, estava eu a ler *Letters between a Father and a Son*, de V. S. Naipaul.

Feliz coincidência. Ou talvez não tenha sido mera coincidência, uma vez que Naipaul é um escritor que venho a estudar há algum tempo, desde que, quando escrevia a tese de doutoramento sobre literatura de viagens inglesa contemporânea, o encontrei como escritor de viagens e como figura polémica para os Estudos Pós-Coloniais. Assim, tenho tentado seguir o seu percurso literário, e *Letters between a Father and a Son*, para além da curiosidade que mais uma obra de Naipaul sempre me suscitaria, continha ainda outro motivo de interesse: nela se transcrevem as cartas que Naipaul escreveu ao pai quando estudava em Oxford, recém-chegado a Inglaterra com uma bolsa para prosseguir os seus estudos.

Por razões óbvias, conhecer a vida universitária do jovem Naipaul seria, por si só, fascinante para quem também está ligado a uma instituição do ensino superior. Mas, para além disso, a obra cobria um período da vida do escritor que se encontrava ainda omissa na autobiografia que Naipaul vem, de uma forma ou de outra, escrevendo há quatro décadas. Dispersas por várias obras, ficcionais e não-ficcionais, encontram-se inúmeras referências

à sua infância em Trinidad, onde nasceu, e à sua vida em Inglaterra, depois de se ter estabelecido como escritor, para já não falar dos relatos das muitas viagens que efectuou a quase todos os continentes. Mas o primeiro momento de contacto com a realidade inglesa, em Oxford, não tinha ainda merecido, por razões que não nos irão deter neste momento, um tratamento suficientemente detalhado.

E à medida que eu ia continuando a leitura da obra (e os *media* seguiam com o habitual espalhafato o vencedor do Prémio Nobel), ler *Letters between a Father and a Son* tornou-se rapidamente num exercício de ironia dramática. As cartas do jovem Naipaul para o pai centram-se em dois tópicos principais: 1) como se tornar num grande escritor; e 2) como ganhar muito dinheiro. Ler, portanto, sobre a sua ansiedade, criativa e financeira, ouvir os seus desabaços sobre as sistemáticas recusas dos editores em lhe publicarem as histórias que começava a escrever, assistir à frustração que daí adveio, ser testemunha das crises de depressão e insegurança (e economia forçada) por que passou – ler tudo isto no momento em que Naipaul tinha recebido a maior distinção literária do mundo ocidental (para já não falar do correspondente prémio financeiro), fez-me sorrir, o sorriso de uma leitora que sabe mais do que a personagem sobre quem lê.

Letters between a Father and a Son mostrou-me também que a educação é, explícita ou implicitamente, uma das preocupações centrais da obra do autor, tema recorrente quer na produção ficcional, quer na não-ficcional. Proponho-me, portanto, de forma necessariamente esquemática e sucinta, analisar alguns sentidos da palavra “educação” que se revelam de especial interesse no percurso de Naipaul como escritor, bem como pensar na forma como ele foi educado (e se educou a si mesmo) num mundo imperial e pós-imperial.

O *locus classicus* para o início de qualquer discussão sobre a educação colonial é o famoso texto de Thomas Babington Macaulay “Minute on Indian Education”. Historiador, político, constante interventor em questões coloniais, Macaulay discursava no Council of India no âmbito de um debate muito concreto – como utilizar os fundos que o governo inglês enviara para desenvolver a educação na Índia – e que, ao mesmo tempo, levantava questões de ordem mais geral e abstracta: o que significa educar os súbditos coloniais? São eles “educáveis”, isto é, vale a pena investir no ensinamento da língua, cultura e ciência inglesas a milhões de indianos? São eles capazes de aprender e de se “civilizar”? Ou é preferível abandoná-los à “ignorância” em que se encontram e ensinar antes hindu e sânscrito aos funcionários ingleses, de modo a permitir a comunicação e, claro, o domínio colonial?

Reconhecem-se neste debate as linhas-mestras de uma controvérsia muito antiga sobre a natureza do Outro: é este assimilável e regenerável, podendo, assim, aproximar-se do europeu, ou, pelo contrário, permanecerá ele sempre irreduzível e irremediavelmente outro? Na noção de “escravo natural” de Aristóteles, no conhecido debate entre Sepúlveda e Las Casas perante os Reis Católicos sobre a alma do índio, na figura de Caliban e no conceito do Bom Selvagem é exactamente esta questão que está em causa, nas muitas variações e diferentes manifestações que foi assumindo ao longo dos tempos.

A questão teórica ficou por resolver no momento, em 1835, em que Macaulay escreveu a sua minuta, e ainda hoje, de alguma forma, continua por resolver. A razão é simples: o que aqui se postula é uma antítese entre Nós, seres “civilizados”, e o Outro, “bárbaro” e “selvagem” e se bem que os dois termos da dicotomia tenham aparentemente assumido significados e valores diferentes em épocas diversas, a verdade é que, no fundo, é sempre a mesma questão que está na génese do debate: qual a maneira mais eficaz de controlar e dominar o Outro sem se pôr em causa a superioridade do europeu? Como tornar esse Outro mais eficazmente num súbdito colonial submisso e domesticado?

Para Macaulay, era clara a superioridade da cultura inglesa (da qual ele destaca a riquíssima literatura) e sobretudo da ciência e da tecnologia britânicas, ambas veiculadas por uma língua que na sua versatilidade, diversidade, complexidade e precisão não tinha, segundo ele, rival entre as línguas. Assim, Macaulay sugere que “o inglês é mais digno de estudo do que o sânscrito e o árabe”¹ e não tem dúvidas de que “é possível tornar os indígenas deste país em excelentes estudiosos do inglês” (Macaulay, 1999: 61). Reconhecendo, no entanto, que os meios financeiros disponíveis não eram suficientes para educar todo o povo indiano, Macaulay sugere que se eduque apenas uma parte da população, “uma classe que funcione como intérprete entre nós e os milhões que governamos; uma classe de pessoas, indianos na cor e no sangue, mas ingleses no gosto, nas opiniões, na moral e no intelecto” (*ibid.*: 61).

Pensar no ideal de educação colonial de Macaulay em função de Naipaul é ainda um outro exercício de ironia dramática. Naipaul pode, certamente, ser entendido como um “excelente estudioso do inglês”, mas não no sentido que Macaulay tinha em mente. E que Naipaul se tem sistematica e agressivamente recusado a desempenhar o papel de intérprete ou de mediador entre os ingleses e os seus Outros coloniais é óbvio mesmo para quem tenha

¹ Excepto quando expressamente indicado, as traduções são minhas.

apenas um conhecimento superficial da obra do escritor. E, evidentemente, esse Outro submisso e domesticado que Macaulay pretendia criar através da educação colonial tem, em muitos casos (felizmente!) virado o feitiço contra o feiticeiro, rivalizando de perto com o colonizador, quando não mesmo batendo-o aos pontos (seja no críquete, seja na literatura). Não sei, evidentemente, o que pensaria Macaulay de Naipaul, mas não tenho dúvidas de que uma figura como o laureado não estaria nas previsões de Macaulay sobre os frutos da educação colonial.

A esta ironia acresce uma outra: o facto de, em Trinidad, Naipaul ter frequentado uma escola claramente moldada segundo esses princípios orientadores, uma escola onde o ensino era em inglês e apenas e exclusivamente sobre coisas inglesas. Os livros escolares vinham de Inglaterra, como nos diz Naipaul, juntamente com o arenque fumado e as latas de leite condensado, a *Illustrated London News* e os clássicos das edições Collins, todos eles ícones de uma imagem de Inglaterra que a metrópole exportava para os quatro cantos do Império. A sua experiência na escola ficou-lhe como “um estudar colonial cego e obsessivo” (Naipaul, 1999: 14), a que Naipaul obedientemente se submetia com o objectivo não só de passar nos exames, mas de obter classificações que lhe dessem acesso a uma bolsa para estudar em Inglaterra. Fugir à pequenez de Trinidad, ir para a grande metrópole, tornar-se escritor, era já o sonho de Naipaul enquanto criança.

É uma história bem conhecida, esta do rapaz da província, inteligente e ambicioso, a quem não chega a pacatez e a estagnação do pequeno mundo em que vive e para quem a cidade representa a oportunidade e a possibilidade da fama e da riqueza. É um enredo tradicional e estereotipado que encontramos em múltiplas formas narrativas, e que o romance realista utilizou até à exaustão. E é assim que Naipaul se vê a si mesmo e se significa a si próprio enquanto jovem. Assim, ler nas suas obras que a literatura que lia quando criança, em casa e na escola, lhe aparecia “como algo que vinha de um outro mundo, muito distante do seu” (Naipaul, 1999: 13), um mundo ao qual ele não se sentia ligado nem emocional nem intelectualmente, pode parecer estranho. Alguma coisa aqui não bate certo: a distância entre o mundo da pequena colónia em que Naipaul nasceu e o centro do Império a que ele parece aludir aqui, é, na verdade, bem mais pequena do que ele imagina. A educação colonial está, sem dúvida, a atingir os seus objectivos e a criar o súbdito colonial à imagem e semelhança do colonizado, “inglês no gosto, nas opiniões, na moral e no intelecto”, oferecendo-lhe um enredo pré-estabelecido no qual ele se pode rever e o papel de herói numa história de sucesso.

Mas a história não fica por aqui, nem é tão simples como poderá parecer. Não é possível ler a separação entre o mundo de Naipaul e o do centro do Império apenas como uma variação sobre o tema Campo vs. Cidade, nem Naipaul pode ser simplesmente entendido como o provinciano que vem para a cidade e alcança a fama e a riqueza. Naipaul tem de ser visto sempre e sobretudo como um súbdito do Império, e todas as ambiguidades de uma situação colonial têm de fazer parte da história.

Tendo nascido numa colônia e sendo descendente de emigrantes indianos, Naipaul tem já um afastamento duplo em relação ao centro. Acrescente-se a isto a dimensão racial, e a história muda ainda mais. Se nos lembrarmos ainda da frase feliz de Homi Bhabha sobre o que o sistema colonial exige do colonizado – que ele seja o sujeito “de uma diferença que é quase o mesmo, mas não tanto”, ou seja, se transforme num sujeito que é “quase o mesmo, mas não branco” (Bhabha, 1994: 89)², outra dimensão se junta à história. E, finalmente, se pensarmos no título de um dos romances de Naipaul, *The Mimic Men*, que forneceu à crítica dos Estudos Pós-Coloniais o termo “mimetismo” para designar essa “imitação imperfeita” que o colonizador exige do súbdito colonial, mais perto estaremos do resto da história – e mais teias de complexidade, paradoxo e ironia teremos de acrescentar ao enredo.

O que Naipaul aprendeu em Trinidad deveria ser, segundo o ponto de vista de Macaulay, apenas o suficiente para o tornar útil como súbdito do Império Britânico. Isto é, os habitantes do Império eram educados para serem “bons súbditos coloniais”. E não há dúvida de que, em muitos aspectos, Naipaul aprendeu bem a lição. Quantas vezes encontramos, na sua obra, referências à “segurança” do mundo colonial, um “mundo fixo” (Naipaul, 1998: 207) e estável, constituído pelo colonizador e pelo colonizado, cada um possuindo aparentemente uma identidade imutável e inquestionável, cada um com o seu devido lugar no conjunto? Muitas vezes; há quem diga que vezes de mais.

Mas Naipaul não aprendeu só isto ou não exactamente isto: aprendeu a sua separação em relação à metrópole, a noção de que a cultura inglesa, embora desejável, lhe era incompreensível e estranha, ao mesmo tempo que aprendeu a rejeitar Trinidad como um cu-de-judas do Império, uma sociedade “meio-feita” (*ibid.*), a que ele queria escapar e não mais voltar; ficou a conhecer o que Homi Bhabha refere como o “espaço de interdição” (Bhabha, 1994: 89) que tem de existir, sempre, no mimetismo exigido ao súbdito colonial, mas aprendeu a lê-lo como “uma área de escuridão”,

² Tradução de Maria José Canelo.

expressão que dá o nome a um dos seus romances e que ele repetidamente refere como um dos temas centrais da sua obra. Por outras palavras, Naipaul aprendeu também a ser “um mau súbdito colonial”.

Mas isto foi mais tarde. Ao sair de Trinidad a caminho de Inglaterra, o jovem Naipaul ainda pensa que a distância que o separa da metrópole pode ser reduzida, encurtada, eliminada, como se a viagem literal que o leva ao centro também o pudesse tornar *do* centro. Mas esta viagem, percurso inverso do do colonizador, em que ele também vai à procura do seu “Novo Mundo”, fá-lo sentir, tal como como aos exploradores de outrora, “a terra a mover-se debaixo dos pés” (Naipaul, 1988: 207). O centro, idealizado como “uma região puramente literária” (*ibid.*), mesmo sendo estranho, parece disponível para ser habitado, colonizado, possuído. Mas depressa Naipaul se dá conta do seu erro. O centro nunca corresponderá à sua expectativa e o sonho não se tornará realidade. *The Enigma of Arrival*, um dos seus melhores romances, tratará precisamente do choque entre realidade e mito, da sensação recorrente de não pertencer ao mundo idílico do campo inglês, esse epítome que representa, metonimicamente, todo o centro do Império.

Mas respeitemos a cronologia das coisas. Naipaul foi, antes de mais, para Oxford. Como foi dito, *Letters between a Father and a Son* trata extensamente desse período da sua vida, o primeiro momento de contacto com a realidade “puramente literária” de Inglaterra. Foi, também, o primeiro momento de desilusão, de compreensão repentina de que a Inglaterra era muito mais do que o mundo descrito nos clássicos da literatura que Naipaul lera enquanto criança, de percepção clara de que Oxford era um local que resistia à apropriação, um espaço que o súbdito colonial não podia inequivocamente habitar.

Em Oxford, Naipaul viveu uma realidade dupla: por um lado, consolidou o seu conhecimento sobre o cânone literário inglês, o que podemos ler como uma extensão da sua educação colonial, uma vez que promoveu o respeito pela cultura do centro; por outro, Naipaul aprendeu a condição do exilado e do emigrante, a figura sempre marginalizada e isolada do Outro colonial. A leitura de *Letters between a Father and a Son* deixa-nos perplexos e incomodados. O jovem Naipaul parece ter aproveitado esses anos para gozar o conforto e o luxo dessa instituição de elite, ao mesmo tempo que constantemente a rejeita, queixando-se da sua mediocridade intelectual, autismo e ignorância do mundo exterior. Em Oxford, Naipaul adquiriu a sua famosa (ou, melhor dizendo, famigerada) reverência pela Literatura Inglesa (com maiúsculas), ao mesmo tempo que aprendeu que nunca poderia escrever como os ingleses, nem emular os clássicos que tanto admirava.

Segundo ele, o romance era uma forma imperial que não podia integrar a experiência do exílio, uma forma que tinha por trás de si toda a autoconfiança de uma civilização – autoconfiança que Naipaul nunca tinha tido e depressa entendeu que nunca poderia vir a ter.

“Nada de mágico me aconteceu nesses três anos” (Naipaul, 1999: 16), escreveu ele sobre Oxford. E foi só depois de deixar a universidade que as coisas começaram a fazer sentido. Primeiro, com a descoberta de que, para começar a escrever, “tinha de voltar às origens e regressar – deixando de lado Oxford e Londres – às [suas] primeiras experiências literárias, que tinham condicionado a [sua] visão do mundo” (*ibid.*). Isto é, tinha de percorrer o caminho de volta a Trinidad, ao passado colonial, às raízes, para encontrar um tom e uma voz que fossem seus. Naipaul parece acreditar, neste momento, que pode fazer tábua rasa da sua vida em Inglaterra, e voltar a um ponto de partida puro e original, a uma identidade clara e unívoca, a um local a que inequivocamente sinta que pertence.

Naipaul regressou efectivamente a Trinidad, algum tempo depois, com viagem e estadia pagas por um editor-livreiro seu conterrâneo, que lhe encomendou uma obra promocional sobre as Caraíbas, que já se desenhavam como destino turístico. Mas o texto que Naipaul produziu, neste seu primeiro livro de viagens, refere-se a Trinidad como uma sociedade “meio-feita”, um desses lugares “que continuamente se fazem e se desfazem” (Naipaul, 1988: 208), um mundo pacóvio e provinciano que agora, em vez de imitar o dono inglês, se passara para o lado americano, parodiando sem o saber (e sem vergonha da fraca imitação), a nova superpotência mundial.

O género da obra, contudo, é significativo: a ficção, ou seja, o romance, não servia a Naipaul, uma vez que pressupunha uma centralidade a que o autor não podia aspirar. O género não-ficcional, mais autobiográfico, centrado no sujeito, deu-lhe a possibilidade de escrever sobre as margens, num género também ele marginal em relação ao cânone. E a literatura de viagens revelou-se ainda a escolha ideal num outro sentido: na experiência do viajante, por natureza um ser isolado e desenraizado, encontrou Naipaul uma condição que também era a sua, a do ser errante no seu vaivém do centro para a margem, sempre *entre* realidades sem pertencer a nenhuma, situando-se nos interstícios da procura identitária.

Sem o saber, Naipaul tinha começado a educar-se para a vida no mundo pós-colonial, a tornar-se na figura descentrada e desterritorializada do exilado e do híbrido, de alguém, como diz Salman Rushdie, que “às vezes se escarrancha em duas culturas”, outras vezes “cai de cu entre uma e outra” (Rushdie, 1992: 15). Tem sido uma longa e penosa viagem para Naipaul, uma educação que tem exigido mais dele do que o estudo “cego e obsessivo”

em Trinidad e a preparação intensiva para os exames finais em Oxford. É uma educação que nunca se completa, traz poucas realizações pessoais e é, em última instância, a demanda impossível por uma totalidade inatingível.

Mas voltemos brevemente à viagem que Naipaul iniciou há algumas décadas e ainda não terminou. Deixámo-lo em Trinidad, à procura das raízes, em *The Middle Passage*. Desnecessário será dizer que a experiência se revelou como mais uma frustração. A Trinidad que encontrou já não era a Trinidad da sua infância, deixando-o assim sem pontos de referência perante os quais se situar. Se Naipaul descobriu em Inglaterra que não pertencia ao mundo do centro, descobriu também agora que a margem já não era o seu espaço identitário.

Não desistiu Naipaul da demanda. Seria necessário, talvez, ir mais longe no tempo e no espaço, regressar às origens familiares, à Índia dos seus antepassados. A trilogia que inclui *An Area of Darkness*, *India: A Wounded Civilization* e *India: A Million Mutinies Now* é exemplar na forma como traça este novo percurso de Naipaul, a sua procura de princípios e origens, de pontos de partida claros e inequívocos, da sua tentativa de fuga à condição negativa do sujeito pós-colonial. E é exemplar também do seu falhanço.

Nas viagens à Índia, esse regresso a casa que nunca chega a sê-lo, Naipaul encontra uma Índia pós-independência, em nada semelhante à Índia do avô, que de lá saíra à procura, também ele, de uma vida melhor. A Índia da imaginação, que construíra quando criança, não a vê Naipaul no país caótico, sujo, decadente, conspurcado (os adjectivos são dele) que descreve nessas três obras. O que Naipaul descobre na Índia é, mais uma vez, a sua não-pertença, uma alteridade que até aqui tinha sido assumida sobretudo em relação ao europeu, ao inglês, ao branco, mas que agora o revela também como um Outro perante o indiano:

E pela primeira vez na vida eu era apenas mais um na multidão. Nada, na minha aparência ou vestuário, me distinguia da multidão que continuamente corria para a estação de Churchgate. Em Trinidad ser indiano era ser diferente. Ser qualquer coisa em Trinidad era ser diferente; a diferença era o atributo de cada homem. Ser indiano em Inglaterra era ser diferente; no Egipto ainda mais. Mas agora em Bombaim eu entrava numa loja ou num restaurante e esperava pela costumada reacção. E nada. Era como se me negassem uma parte da minha realidade. Vezes sem conta fui apanhado. Não tinha rosto. Podia desaparecer sem deixar rasto nas profundezas daquela multidão indiana. Eu tinha sido criado por Trinidad e pela Inglaterra; o reconhecimento da minha diferença era-me essencial. Tinha necessidade de me impor e não sabia como. (Naipaul, 1968: 43)

Parafrazeando o autor, Naipal descobre que não é inglês nem indiano, e que lhe são negadas as vitórias de ambos. É olhado pelos dois como um Outro, a condição negativa do sujeito pós-colonial a quem estão reservadas apenas as “áreas de escuridão”. Naipaul nunca se educou para “se escar-ranchar em duas culturas”, ao contrário da geração seguinte de escritores pós-coloniais, figuras como Salman Rushdie, que certamente diriam que, bem feitas as contas, se podem reclamar das vitórias de cada uma.

As viagens subsequentes de Naipaul pelo continente africano e pelos países árabes continuam a revelar o seu pessimismo em relação a este mundo pós-colonial, acentuando-lhe sempre os traços negativos: a corrupção, a dependência das grandes potências, a incapacidade de (re)criação da História sem a protecção do colonizador, a imitação barata e estéril do Ocidente, a violência e a esquizofrenia que essa condição produz em povos e indivíduos que, como ele, parecem viver entre culturas, sem delas conseguirem fazer qualquer espécie de síntese produtiva. No fundo, Naipaul procura os que, como ele, vivem no desenraizamento e no exílio, tendo vindo a construir-se como o paradigma de tudo o que de negativo encontra no mundo neo- e pós-colonial, o melhor exemplo dos resultados (bons e maus, mas sobretudo maus) da colonização – e da sua retirada.

É hoje claro que a visão de Naipaul é e permanecerá irremediavelmente fragmentada, feita de bocados que não se constituem como um todo, de identidades “meias-feitas” e vidas “meio-vividas”³, de pedaços que pertencem a mundos diferentes, até opostos. Por um lado, a visão do mundo imperial, a visão do centro, que Naipaul assimilou através da educação colonial e que, consciente e deliberadamente, nunca deixou para trás no seu percurso. Alguns dirão mesmo que tem vindo a reforçá-la, e é inegável que Naipaul fala por vezes com a voz do colonizador, e que muitos dos tropos do discurso colonial são evidentes na sua obra. Naipaul como o melhor exemplo do “mimic man” colonial, emulando o colonizador, tentando ser mais inglês do que os ingleses – e não o conseguindo.

Mas, por outro lado, a voz do colonizador é apenas uma das muitas vozes que Naipaul usa, e se elas não produzem uma harmonia de conjunto, também não podemos dizer que uma abafa a outra. Naipaul não é simplesmente o “renegado colonial sem vergonha”, como lhe chamou Edward Said (Said, 1986: 53), que junta a sua voz à dos poderes neo-coloniais para denegrirem o Terceiro Mundo. Ele é também a figura que incorpora e dramatiza todas as contradições do discurso colonial, que expõe e desmascara as derrapagens e os deslizos desse discurso supostamente autoritário e hegemónico.

³ Veja-se o título do último romance que publicou: *Half a Life*.

Naipaul faz-nos ouvir muitas vozes: a do pró-colonial, a do ex-colonial e a do pós-colonial, em todas as contradições que existem dentro de cada uma e entre todas elas.

A fronteira que não deve ser ultrapassada nem pelo colonizador nem pelo colonizado para que se perpetue a distância entre os dois torna-se fluida e imprecisa em Naipaul, e o espaço de interdição que a educação colonial pretendia manter inviolável, essa Terra Proibida entre o colonizador e o colonizado, é precisamente o espaço em que Naipaul habita e onde construiu o seu discurso. E se é inegável que ele continua a significar esse espaço intersticial como ausência e vazio, é também verdade que ele tem vindo, gradual e meticulosamente, em todo o seu percurso, a traçar-lhe os contornos e a dar-lhe uma forma reconhecível e inteligível. Ao fazê-lo, desbravou o território para as gerações seguintes de escritores pós-coloniais, tornou possível o atravessar de fronteiras, facilitou a sua apropriação, permitiu a colonização dessa terra-de-ninguém que agora pode ser reclamada e habitada. Será sempre esta, acima de tudo, a medida do seu sucesso.

De neto de emigrantes indianos e súbdito colonial a laureado com o Prémio Nobel, Naipaul percorreu um longo caminho, mas, apesar do reconhecimento internacional que merece e há muito lhe era devido, permanece uma figura incómoda e politicamente incorrecta sobretudo para os que olham apenas uma das suas *personae* e lhe ouvem apenas uma das suas muitas vozes. Produto da educação colonial, foi autodidacta no mundo pós-colonial que o apanhou a meio do percurso. Educou-se sobretudo para servir de paradigma dos efeitos do Império nos seus Outros, em tudo o que isso comporta de arrogância, insegurança, lucidez, preconceito, ambição e modéstia face a um mundo que nunca pode ser verdadeiramente seu, e a uma condição que nunca lhe permitirá ser uno e todo.

Referências Bibliográficas

- Bhabha, Homi (1994), *The Location of Culture*. London: Routledge.
- Macauley, Thomas Babington (1999), “Minute on Indian Education”, in Barbara Harlow; Mia Carter (orgs.), *Imperialism and Orientalism. A Documentary Sourcebook*. London: Blackwell Publishers.
- Naipaul, V. S. (1985), *The Middle Passage*. Harmondsworth: Penguin Books [1962].
- Naipaul, V. S. (1986a), *An Area of Darkness*. Harmondsworth: Penguin Books [1964].
- Naipaul, V. S. (1986b), *The Mimic Men*. Harmondsworth: Penguin Books [1967].
- Naipaul, V. S. (1987a), *India. A Wounded Civilization*. Harmondsworth: Penguin Books [1977].
- Naipaul, V. S. (1987b), *The Enigma of Arrival*. Harmondsworth: Penguin Books.

- Naipaul, V. S. (1988), *“The Return of Eva Peron” with “The Killings in Trinidad”*. Harmondsworth: Penguin Books [1974].
- Naipaul, V. S. (1995), *India. A Million Mutinies Now*. Harmondsworth: Penguin Books [1990].
- Naipaul, V. S. (1999), “Reading and Writing”, *The New York Review of Books*, 18 de Fevereiro.
- Naipaul, V. S. (2000), *Letters Between a Father and a Son*. London: Abacus [1999].
- Naipaul, V. S. (2001), *Half a Life*. London: Picador.
- Rushdie, Salman (1992), *Imaginary Homelands*. London: Granta Books.
- Said, Edward (1986), “Intellectuals in the Postcolonial World”, *Salmagundi*, 70/71.